



## OBSESSÕES DE UM FICIONISTA

Per Johns

Que dizer de seus próprios livros? Que são bons? Que são ruins? Que nasceram aos trancos e barrancos de uma compulsão irresistível, vinda não se sabe de onde, nem por quê?

Em verdade, por que se escreve?

Não é preciso ser tão sucinto como o foi Samuel Beckett ao responder à pergunta. Disse apenas: *Não me resta mais nada*.

Entretanto, ele quase acerta. Há milhões de coisas melhores de se fazer do que escrever. E, sobretudo, mais rentáveis.

Ocorre-me ler. Se não é mais rentável, seguramente é mais agradável. Lendo, erra-se menos. E não se tem de dar explicações, muito menos suportar críticas desfavoráveis. Mas se todo mundo apenas lesse não existiriam livros para ler.

Melhor ainda, todavia, é não fazer nada, absolutamente nada, apenas ver a vida que passa com um olhar atento, embora não seja tão fácil como aparenta ser. É um talento com o qual se nasce. Não se aprende na escola. Tem gente que não sabe ver, ou, por outra, olha, mas não vê. Em todo caso não é automático, sobretudo se o ato de ver se fizer acompanhar adicionalmente do que se pode chamar de *empatia*, ou seja, da capacidade de se pôr na pele do que é visto, sentindo junto, em uníssono, não separadamente.

Para dar uma ideia do que quero dizer com isso, lerei um trecho de meu último romance, “Hotéis à beira da noite”. Trata-se de uma viagem fantasmagórica empreendida por um personagem que, por assim dizer, despe-se de quem foi e inicia o que Ivan Junqueira descreve como “uma lenta e tortuosa peregrinação aos confins da ancestralidade de si mesmo”.

A certa altura de sua viagem escreve uma carta a seu “lado anterior”, em que diz, entre outras coisas:

*“Poucos tiveram o interesse ou a competência de adivinhar o que se escondia atrás do que eu mostrava. Eu mesmo sabia-o mal até a véspera do dia em que deixei o Rio de Janeiro, quando ouvi do habitante das profundezas (minha voz interior) palavras esclarecedoras sobre o significado da ociosidade e da disponibilidade, até então apenas conceitos um tanto nebulosos, mais desejados do que propriamente compreendidos. Não é algo que se conquista \_\_ disse o habitante das profundezas \_\_ e sim*

algo que se reencontra atrás de muito lixo e entulho, um estado de espírito que se perdeu nos confins da infância, uma plenitude que se foi esvaziando ao longo do tempo. E serve, aliás, **não** serve para nada a não ser desenhar na alma o que um artista pintou em arabescos coloridos de formas nascentes com as letras das palavras: **FACCIO NULLA**, que justamente não significam não fazer nada, antes pelo contrário, significam fazer o que mais importa, vale dizer, **ver, ouvir, palpar, degustar e cheirar** o mundo, para compreendê-lo por dentro em vez de explicá-lo por fora. A única forma acabada na mencionada pintura é um cão perdigueiro com todos os sentidos alertas farejando a pele das palavras que se formam ainda indefinidas à procura da eclosão que fará surgir delas as coisas. É o que nós deveríamos fazer com tudo que vive, para que sua vida se duplique na consciência não com vistas a sua utilidade e sim à solidariedade que nos une. Em suma, serve não para anular os sentidos na ânsia mental de mantê-los do lado de fora do entendimento, mas pô-los para **dentro** com as potencialidades que lhes são próprias. Uma atitude **quente**, parcial, sujeita aos maiores riscos, em vez da atitude **fria**, imparcial, de quem não participa por medo do envolvimento.”

Portanto, a mim me parece, que escrever é antes de tudo uma estranha obsessão, obsessão de ver, mas trata-se, no caso, de ver por dentro e não por fora.

Em muitos casos, trata-se de chegar ao resumo de quem se é. Ao cerne do *ser*, não do *ente*, da pessoa nua e crua, não da máscara que a esconde. Como se vê, uma ambição que não é pequena, sendo incerta e sujeita aos temporais da vida.

Uns poucos acertam; a maioria erra.

Uns são lembrados por um livro, outros por um capítulo e até alguns por uma simples palavra. Parece pouco, mas não é.

Certas filosofias ocidentais explicam tudo, explicam tanto sobre o que não sabemos e, quiçá, não podemos saber, a ponto de se tornarem, paradoxalmente, incompreendidas. Bom seria se fossem capazes daquilo que no Oriente se chama de *iluminação*. Nesse caso, talvez até pudessem ser compreendidas e, sobretudo, não se limitariam a ser propriedade exclusiva de letrados ou do *petit comité* dos iniciados.

Ocorre-me, a propósito, uma frase iluminada do criador da *fenomenologia*, Edmond Husserl, que diz: “É preciso deixar que as coisas aflorem na palavra”. É uma frase que dói de tão sucinta, mas que talvez ilumine melhor a fenomenologia que todo seu aparato teórico. Só tem um defeito: pode ser compreendida por qualquer um.

Para isso há, entretanto, uma pré-condição nada fácil como vimos a de saber ver sem óculos intermediários, a de saber ver as coisas, não só como mecanismos que funcionam e se explicam, aparatos frios e

impessoais, mas como algo a ser abraçado, vale dizer, compreendido em toda a extensão da palavra, não apenas na cabeça, também no coração.

A criança sabe disso inconscientemente. Depois, esquece o que sabia, instintivamente.

Talvez tenha sido por isso que o poeta Wordsworth tenha escrito, num verso iluminado, que “a criança é o pai do homem”. Curiosamente, seu nome, *Words-worth*, significa ou pode significar “digno das palavras que diz”. Assim como em português há o ditado “vale quanto pesa”, com um pouquinho de imaginação, poder-se-ia dizer de Wordsworth, que vale pelas palavras que transformou em poesia.

Se eu tivesse de resumir por que escrevo, no pressuposto de que alguém se interessaria por isso, diria que é para tentar recapturar a potencialidade da palavra, aquilo que foi perdido nos rincões da infância, eventualmente recapturado em breves lampejos poéticos.

Observe-se que *poético* é empregado aqui no sentido mais amplo da palavra, capaz de abranger tanto, por exemplo, a poesia *strictu sensu* de Manuel Bandeira como a prosa fluvial de Guimarães Rosa, num sentido fundo, profundo, arqueológico até, algo próximo do que disse William Carlos Williams em outros versos iluminados, aproximadamente, em tradução livre:

“Este pardal que vinha sentar-se à minha janela era uma verdade mais poética do que natural”.

Convida o olhar a ver suas próprias funduras e a reparar no que normalmente passa despercebido e atende pelo nome de *acaso*.

Meu último livro mencionado, *Hotéis à beira da noite*, tem em sua parte final, intitulada *Pequenas prosas de um breviário*, o que entendo por lampejo poético, embora essas pequenas prosas tenham o pequeno ou grande inconveniente de terem que ser pescadas no mar revolto de uma prosa rascante. Lerei três dessas pequenas prosas, *O motim*, *Credo da inquietude* e *Réplica de Deus*, que, parece-me, resumem bastante bem o que tem sido minha obsessão de escritor.

### O motim

*O comandante exige:*

- *Quero a equação do azul. A engrenagem do canto. A respiração dos cetáceos. O vôo do besouro. A aritmética do carinho e a geometria do amor.*

*É demais para os broncos marinheiros, que se amotinam contra o despótico comandante e rumam na direção oposta. Retornam ao ponto onde tudo começou, anterior à divisão entre sábios (e ricos) e broncos (e pobres). Desembarcam numa ilha, ainda não cartografada, com sua leva*

*de mulheres paradisíacas, raptadas de outra ilha saqueada. Queimam o veleiro, as especiarias e a carga milenar. Descarregam as consciências quando sobem as íngremes trilhas, fora do alcance de qualquer esquadra. Prometem-se fidelidade eterna, esquecidos os ressentimentos. Serão a grande família que lhes foi negada pela Revolução Industrial, por Torquemada, pelos jacobinos, por Galileo Galilei e pela Companhia das Índias Ocidentais*

*Assim seria, mas não foi. Ao queimar o barco que os trouxe, os amotinados se esqueceram de que levavam dentro deles, eles mesmos. E eles mesmos eram irredutíveis ao que se propunham. Insensivelmente voltaram a dividir por fora, com cercas de arame farpado, o sustento e a respiração. E a dividir-se, por dentro, em feudos e arengas. Voltaram a ser o que sempre foram.*

### *Credo da inquietude*

*(Christian's cave em Pitcairn)*

*Se eu chegasse um dia à Terra Prometida, que faria depois?  
Se lesse, relesse, treslesse todos os livros, leria o quê? Se  
erguesse minha casa e dissesse: — Satisfaz! , com que haveria de me  
distrair?*

*Se fosse suficiente erguer o braço para obter o que preciso, o que  
faria com o tempo que sobrasse?*

*Se me sentisse irmão de meus iguais e desiguais, onde acharia meu  
inimigo?*

*Se o que buscasse estivesse onde estou, onde procuraria o que não  
sou?*

*Se o mundo estivesse pronto, irremediavelmente bem feito, que  
estímulo haveria para inventar, modificar, melhorar? E o que é pior (ou  
melhor para tartarugas e morcegos): o que seria de meu engenho?*

*Que Deus me perdoe, mas a vida perderia a graça, deixando-me  
uma única alternativa:*

*Desistir de viver.  
A resposta de Deus*

*Contumaz criatura. Por todos os meios tentei salvá-la de suas próprias artimanhas. Dei-lhe um olhar luminoso e a faculdade de perceber-se e perceber o mundo. Ao mesmo tempo em que vive, paira sobre a vida. Excedi-me talvez ao conceder-lhe também o arbítrio de escolher entre ser espelho de meu **Opus** perfeito ou motor de um mundo pior.*

*Aparentemente, foi demais. Desnorteadas, a criatura preferiu encerrar-se ensimesmada na construção de uma obra exclusivamente humana, de onde expulsou o resto da criação. E em que consiste essa obra? Em inventar labirintos escuros e imitar-me, mas suas criações não passam de caricaturas.*

*Várias vezes submergiu em cataclismas auto-inflingidos. Mas reincide. E sempre recomeça arrogante e dominadora. O resultado é o que aí está: desarranjos letais, desarmonias sem remédio, gritos plangentes e queixas lancinantes que surgem de todos os quadrantes do orbe. E agora, também dos espaços siderais.*

*A cada vez que ela tenta consertar-se já é tarde demais. O fim se conduz a si mesmo. Não interfiro. Mas até quando? Meus assessores sugerem que eu faça a criatura reverter à pura condição de animal sem consciência, com uma bússola instalada no coração em vez desse desastroso arbítrio na cabeça. Mas eu teria de inventar um novo espelho, a não ser que me conformasse, em definitivo, com a condição de artista anônimo.*

*Nesse caso, ninguém usufruiria de minha obra-prima.*

Depoimento lido no “Encontro com o Escritor”, quando Per Johns foi homenageado no PEN Clube do Brasil em 9 de maio de 2011.